UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

ANDRÉIA MARIA DOS SANTOS FÉLIX

LEITURA E ESCRITA E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

POLO MARI
DEZEMBRO DE 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

ANDRÉIA MARIA DOS SANTOS FÉLIX

LEITURA E ESCRITA E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado(a)em Letras.

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva

POLO MARI
DEZEMBRO DE 2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F3161 Félix, Andreia Maria dos Santos.
Leitura e escrita e a formação do leitor crítico. / Andreia Maria dos Santos Félix. - João Pessoa, 2023.
19 f.

Orientador : Jorgevaldo de Souza Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Letramento. 4. leitor crítico. I. Silva, Jorgevaldo de Souza. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 028:37

Elaborado por KARLA MARIA DE OLIVEIRA - CRB-15/485

ANDRÉIA MARIA DOS SANTOS FÉLIX

LEITURA E ESCRITA E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras.

Data de aprovação:____/____/_____

Banca examinadora

_____

Nome e Título do(a) Orientador(a)

_____

Nome e Título do(a) Examinador(a)

_____

Nome e Título do(a) Examinador(a)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **5**

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA E SEU ENSINO NA ESCOLA 8

3. O QUE ORIENTAM OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR..... **10**

4. O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR **11**

5 O PROFESSOR DE LETRAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA..... **12**

6 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA . **13**

7. METODOLOGIA..... **15**

8. ANÁLISE DE RESULTADOS..... **15**

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **18**

REFERÊNCIAS..... **19**

RESUMO

Para ajudar o aluno a compreender o que lê e auxiliá-lo na aquisição de diversos saberes, a escola utiliza-se das práticas de letramento para que esse aluno adquira o senso crítico e saiba se posicionar nas mais diversas situações comunicativas. Com base nisto, este trabalho tem como objetivo estudar as práticas escolares que facilitam a formação de leitores eficientes e críticos e refletir sobre o que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a formação desses leitores.

A metodologia adotada foi à pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa. A revisão bibliográfica, conforme GIL (2002) é a pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos que servem de base para suas análises. Nesta investigação, se buscou respostas nos trabalhos de FREIRE (1989), SOARES (1999), KLEIMAN (2005), ANTUNES (2003, 2017) entre outros. Além disso, encontramos respaldo na própria BNCC. Como resultados, ressaltamos a importância do trabalho com a leitura e as práticas de letramento de forma contínua nos anos escolares para que os alunos cientes desses saberes possam se posicionar, questionar e refletir sobre sua posição como parte de uma sociedade letrada. Em síntese, para se chegar ao objetivo de ensiná-los a serem mais críticos em relação ao que lêem, é preciso, além do empenho do professor em preparar aulas com base nas orientações dos documentos oficiais se utilize também estratégias que criem possibilidades para que os alunos compreendam as entrelinhas. Essas premissas encontram respaldo nos documentos oficiais que regem a educação brasileira e nos trabalhos dos autores utilizados nesta pesquisa.

Palavras-chave: leitura; escrita; letramento; leitor crítico.

ABSTRACT

To help students understand what they read and assist them in acquiring diverse knowledge, the school uses literacy practices so that students acquire critical sense and know how to position themselves in the most diverse communicative situations. Based on this, this work aims to study school practices that facilitate the formation of efficient and critical readers and reflect on what guides the National Common Curricular Base (BNCC) for the training of these readers.
The methodology adopted was bibliographical research with a qualitative approach. The bibliographic review, according to GIL (2002), is research developed based on material already prepared, consisting mainly of books and scientific articles that serve as the basis for its analyses. In this investigation, answers were sought in the works of FREIRE (1989), SOARES (1999), KLEIMAN (2005), ANTUNES (2003, 2017) among others. Furthermore, we found support from the BNCC itself. As results, we highlight the importance of working with reading and literacy practices continuously throughout the school years so that students aware of this knowledge can position themselves, question and reflect on their position as part of a literate society. In summary, to reach the objective of teaching them to be more critical in relation to what they read, it is necessary, in addition to the teacher's commitment to preparing classes based on the guidelines of official documents, to also use strategies that create possibilities for students to students understand between the lines. These premises are supported in the official documents that govern Brazilian education and in the works of the authors used in this research.

Keywords: reading; writing; literacy; critical reader.

1. INTRODUÇÃO

Fazer com que o discente reflita sobre a importância de se posicionar de maneira crítica nas práticas comunicativas tem sido uma das grandes dificuldades encontradas pelos professores de Língua Portuguesa. Sabe-se que o domínio da língua materna é fator essencial para que o indivíduo participe das práticas sociais com clareza e igualdade.

Desta forma, é preciso buscar um ensino da língua portuguesa voltado para o uso, de forma contextualizada com objetivos de interação comunicativa e não mais um ensino voltado para a sistematização da língua que privilegia o ensino da gramática normativa.

Quanto a isso, Antunes (2003, p.19) nos faz refletir quando diz que "em um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizada". Desta forma, essa metodologia reduz a capacidade de formação do aluno como sujeito crítico, sendo assim, é notória a necessidade de se buscar práticas que forneçam subsídios para uma aula que contemple o estudo da língua de forma contextualizada e em situações reais de fala, utilizando para isso o texto como orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com esse documento, "ao componente língua Portuguesa, cabe proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens".

A escrita é uma atividade interativa, visto que quando se escreve um texto ele é destinado a alguém e com uma finalidade e se nós não nos comunicamos apenas pela oralidade e em muitas situações temos que recorrer à escrita para nos comunicarmos é preciso então buscar essa aprendizagem de forma adequada nas escolas.

No eixo leitura, as práticas de uso e reflexão sobre as temáticas devem orientar os alunos a "refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, os fatos, acontecimentos, questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se" (BRASIL, 2018, p.73).

As atividades de leitura apresentadas desta forma fazem com que os alunos aprendam a questionar o que lhes chegam como verídicas ou não, aprendam também a discutir sua relevância, se concorda/discorda, isto também é uma forma de aprender a ser um leitor crítico. Além disso, o incentivo à leitura na escola faz com que o aluno melhore a escrita e o conhecimento adquirido com a leitura o ajuda a compreender melhor o mundo em que vive.

Portanto, após este exposto surge a questão norteadora desta pesquisa, como formar leitores críticos?

Delineia-se então como objetivo estudar as práticas que facilitam a formação de leitores eficientes e críticos, além de refletir sobre o que orienta a Base Nacional Comum Curricular para a formação destes leitores.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em que buscou-se por meio do levantamento conhecimento aprofundado em relação ao tema por intermédio de artigos, teses e livros do acervo de bibliotecas de base de dados eletrônicos.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa surge da necessidade de compreender a importância da leitura e de sua contribuição para o incentivo de leitores mais reflexivos e autônomos, considerando que isto seja a base para a realização das atividades realizadas na escola.

A aquisição da aprendizagem da leitura e da escrita é uma etapa que ocupa grande parte da vida escolar no período da infância. Com o avançar do ensino, o aluno vai se familiarizando com o código escrito e passa a ter contato com as práticas de leitura promovendo uma melhor compreensão dos textos.

Para tanto, a escola utiliza-se das práticas de letramento para que o aluno adquira o senso crítico e saiba se posicionar nas mais diversas situações comunicativas. Agindo assim, estaremos ajudando a formar alunos que não se contentarão em aceitar as informações que lhes chegam como verídicas. Para isso, é preciso que os professores realizem atividades e observem como seus alunos escrevem, lêem e interpretam os temas nesse processo.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O capítulo da introdução aborda as considerações iniciais a respeito do tema deste trabalho e seus objetivos.

O capítulo da fundamentação teórica traz a revisão da literatura utilizada para aprofundar os conhecimentos em relação ao que fora proposto no capítulo anterior.

Em seguida temos o capítulo que faz uma análise qualitativa de dados e apresenta os resultados a que chegou a pesquisa.

As seções que se seguem apresentam as considerações finais do trabalho e as referências.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA E SEU ENSINO NA ESCOLA

Muito tem se discutido a respeito do ensino de leitura e escrita nas escolas e como essa prática tem ajudado a formar leitores eficientes, capazes de compreender o que lêem e com isso poder se relacionar no mundo que estão inseridos.

Sendo assim, a importância da leitura representa possibilidades de crescimento intelectual, além de abrir caminhos para diversas áreas da vida, inclusive no trabalho.

A leitura aprimora o vocabulário, desenvolve a criatividade, a imaginação, o senso crítico e a escrita, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo e diversificado sobre vários assuntos.

Saber ler é decifrar uma mensagem através das palavras expressada pelas sílabas e dar sentido a elas; ser um leitor eficiente é compreender e interpretar as idéias que outra pessoa manifesta em texto e posicionar-se a respeito do que leu.

Paulo Freire acreditava que a alfabetização deveria basear-se no diálogo entre aluno e professor, que ambos têm seu saber próprio e que nem um é melhor ou pior que o outro, mas que devem estabelecer um aprendizado mútuo; aluno traz para sala de aula sua cultura e junto com o professor desenvolvem a aprendizagem da leitura e da escrita. Ele dizia que “a leitura de mundo precede a da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela” FREIRE (1989, p. 23).

Sendo assim, ao passo que o aprendente se depara com a leitura da palavra, ele aciona seu conhecimento interiorizado e através de suas vivências no contexto familiar e social dá sentido ao que leu em um sentido mais amplo.

De acordo com Soares (1999, p.22): “No processo de aprendizagem promovido pela escola, a criança além de aprender a escrita como sistema representativo, aprende que este sistema deve atender a certas necessidades decorrentes do uso específico a que a escrita se propõe”.

Com base no que diz a autora, pode-se compreender que o ensino da escrita e da leitura precisa ser direcionado para que cada vez mais o aluno tenha consciência que esta aprendizagem se destina à maneira como ele irá se relacionar nas diversas situações comunicativas. A esse respeito, vale também considerar a visão de Bamberge (2002, p. 97) que diz: “A leitura desprovida de crítica pode levar à simples aceitação mecânica de argumentos e situações. Por isso é que é tão importante desenvolver as capacidades críticas juntamente com as capacidades de leitura”.

Dessa forma, o ensino de leitura deve ser reflexivo, mostrando aos alunos as funcionalidades reais do que se aprende na escola e ao que se aplica em seu cotidiano, caso contrário, fica a impressão no aluno de que, estou aprendendo isso para quê?

Coincide com o que diz GERALDI (2011, p. 34) "a linguagem é vista como um lugar de relações sociais", portanto o ensino da língua deve privilegiar situações reais de fala, pois quando se pretende formar estudantes capazes de ler e interagir com o texto, falar e escrever com clareza nas diversas situações comunicativas, fazendo-os participantes ativos e críticos socialmente, não bastam aulas de língua portuguesa que utilizam o texto para o ensino-aprendizagem de classes gramaticais em frases descontextualizadas.

Tomemos como hipótese o seguinte exemplo: na aula de língua portuguesa o professor trabalha uma atividade, comum nas escolas, solicitando que os alunos completem frases descontextualizadas, procurem o significado das palavras grifadas ou que retirem do texto os dígrafos. Essa atividade se distancia das situações comunicativas de fala dos alunos, causando um desinteresse na aula.

ANTUNES (2017, p. 35) nos abre o olhar para o assunto quando diz, "nessas condições, se pratica a 'não linguagem', pois ninguém se comunica segundo esse modelo. Nessas condições, se exercita a não textualidade e se contraria o modo de ocorrência de qualquer atuação que as pessoas executam por meio da fala ou da escrita".

A professora Polyana Freire Silva, em sua dissertação de mestrado chama atenção para como ampliar as habilidades lingüísticas dos alunos nas aulas de língua portuguesa. Em seu estudo, ela nos mostra a importância do ensino da língua tendo como centralidade o texto, assim como orientam os documentos oficiais (BRASIL, 2018; 2017), mas sem deixar de lado o ensino da gramática (análise lingüística/semiótica), como é chamado nesses documentos. Ela diz: "A respeito da prática das frases ainda que fora do contexto, devem apresentar uma completude lógico-semântica atendendo às demandas de frases que seguem a norma-padrão e as regras de sintaxe da língua". (SILVA, 2022, p. 19).

"Não existe língua sem gramática. Não existe gramática fora da língua" (ANTUNES, 2003, p. 23). O que não podemos é simplificar o ensino de língua portuguesa em gramática, regras e nomenclaturas, tudo isso isoladamente não produz efeito significativo.

O que as autoras querem nos dizer é que existem muitas críticas à forma como o ensino de língua portuguesa é feito nas escolas, principalmente com relação ao ensino da gramática, mas que o aluno necessita do conhecimento das normas gramaticais para construir e compreender o que escreve e ler, além disso, essa aprendizagem auxilia na produção de sentidos dos textos e amplia sua competência linguística.

Se, ao invés de frases soltas, o professor escolher um tema e ali na sala de aula ele pergunta aos alunos o que eles sabem sobre este tema, escreve no quadro os saberes dos aprendentes, nessa situação de aprendizagem o professor proporciona um texto comum a todos e serve de discussão com a turma, oferecendo aos alunos o diálogo e a partilha de seus conhecimentos. Assim, os saberes são mediados pelo professor e engrandecem o conhecimento da língua, da aprendizagem da escrita e da leitura em situações reais da comunicação, se alinhando ao que orienta a BNCC, quando diz: "o ensino de Língua Portuguesa, centralizado no texto e a partir dele priorizar as quatro áreas da linguagem: oralidade, leitura, escrita e análise lingüística/semiótica" (Brasil, 2018), ao passo que, somos desafiados a utilizar a competência leitora e escrita não só em textos escritos, mas nas relações humanas, portanto é preciso viabilizar o ensino da língua em situações concretas de interação social.

No que se refere à leitura, que é um dos objetos de estudo deste trabalho, esse documento orienta que:

> O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL 2018, p.71).

Dessa forma, a BNCC aborda a leitura em um sentido mais amplo, tendo em vista que a sociedade atual se dinamizou de tal forma que não cabe apenas à leitura do papel, uma vez que a leitura nos chega por muitos meios de produção, visuais, auditivos e digitais.

Fica claro assim que as aulas de língua portuguesa devem ser baseadas no uso da língua e através do texto, de forma contextualizada com objetivos de interação comunicativa e que incluam leitura, discussão, escrita, reflexão e reescrita.

3. O QUE ORIENTAM OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR

Os documentos nacionais (LDB, BNCC e PCN) são orientações aos professores para que o aprendizado do aluno seja alcançado. O ensino de leitura e escrita, conforme as

orientações desses documentos procuram tornar o leitor letrado e não acomodado, um leitor que saiba se posicionar e compreender sua leitura, ao invés de se tornar apático ao aceitar o que lhe chega como verdade.

A LDB (Lei de diretrizes e bases), no que diz respeito ao ensino básico, nas disposições gerais, Art. 22(Lei 9394/96) "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores". Para tanto, diz o parágrafo único: "São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do **caput** deste artigo".

A Lei nº 14.407, de 2022 inclui a alfabetização plena para a leitura ao longo da educação básica como dever do Estado. O objetivo principal desta lei é aprimorar o ensino da leitura nas instituições de ensino básico.

Nesse sentido, as escolas seguem as orientações dos documentos normativos (BNCC e PCN) para assim chegar ao cumprimento da LDB com relação à formação do leitor no ensino básico.

Nos dois documentos, as práticas de linguagem assumem uma perspectiva enunciativa-discursiva onde o texto é a unidade central de trabalho que deve se relacionar a seus contextos em atividades de leitura, escuta e produção textual além disso, ambos falam que este texto deve pertencer a um gênero discursivo e que por sua vez este precisa circular em diferentes esferas comunicativas sociais. (BRASIL. 2018, p. 67).

Nos procedimentos de leitura deve-se levar em conta características do gênero e o suporte do texto para que se obtenha uma leitura autônoma em relação aos temas familiares e considerar os objetivos de leitura (BRASIL, 2018, p. 74).

4. O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Ao proporcionar a uma criança o contato na infância com livros, mesmo antes de esta ter sido alfabetizada na escola, ajuda no interesse deles futuramente porque estes lhe são familiares e lhe trazem memórias agradáveis; quando os pais lhe mostram as letras do livro, (as crianças) já vão fazendo associações com as figuras, que lhes possibilitarão uma melhor aprendizagem da escrita. Imaginemos alunos que ouviam histórias contadas por seus pais ou avós na infância, quando crescem conseguirão ter melhor desenvoltura com a leitura literária, já que estas foram inseridas no mundo ficcional e imaginativo precocemente.

Seguindo nessa linha de raciocínio, KLEIMAN (2005) ressalta que “crianças que tiveram uma relação afetiva na infância com o livro de histórias seja na família ou nas creches terão maior facilidade na aprendizagem de atividades escolares por já conhecerem múltiplas funções da palavra escrita” (KLEIMAN, 2005, p. 27). O leitor que é iniciado no meio familiar demonstrará maior facilidade para compreender o mundo a sua volta e desenvolverá melhor seu senso crítico diante das leituras.

Desta forma, o conhecimento de mundo que o educando traz para sala de aula, aliado ao incentivo da família no gosto pela leitura, é de grande valia na sua aprendizagem crítica de textos variados; se o aluno já tem um conhecimento sobre determinado assunto, por sua vez o ajudará na compreensão da leitura e na produção textual. Nesse sentido, a BNCC, Base Nacional Comum Curricular orienta que:

> Ao componente Língua Portuguesa cabe, então proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação do letramento, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018 p. 67).

Na escola, nos anos iniciais a leitura de histórias infantis está entre as atividades que auxiliam no letramento, tendo em vista que nessas histórias as cenas descritas podem construir muitas descobertas e um diálogo com a formação do leitor.

Nesse sentido, uma família que se mostra interessada pela formação leitora de seu filho desde cedo anda lado a lado com a escola para a aprendizagem da escrita e da leitura do educando.

5. O PROFESSOR DE LETRAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA

A mediação de leitura é um momento no qual o professor e os alunos compartilham experiências em relação à forma como veem e entendem o mundo a sua volta; a partir do texto apresentado pelo professor, que busca uma conversa sobre a história contada, incentiva seus alunos a falarem suas impressões sobre o texto, o que lhes chamou a atenção e reflexão sobre o que foi lido de forma que interaja com a leitura., dessa forma, o professor dá voz ao aluno para que ele seja ativo no processo da leitura.

> Na escola, quem propõe a fantasia, quem estimula a imaginação da criança, é o professor, quando faz boas mediações oferecendo textos literários com qualidade. Os temas das histórias, ao serem lidas ou contadas, promovem na criança a expressão de seu mundo interior, e ela então se volta a partir daí para olhar o mundo com sua diversidade de linguagens (OLIVEIRA, 2010, p.41).

Com esse trabalho do professor em sala de aula, ele possibilita ao aluno o encantamento e a reflexão no contato a partir da mediação com o texto literário em sala de aula, ajudando a desenvolver seu senso crítico diante do mundo e sua fluidez na língua portuguesa.

Com relação ao campo literário, a BNCC orienta que “as habilidades para a formação do leitor contemplem o desenvolvimento das práticas que envolvam a seleção do ler, ouvir, assistir e o exercício da indicação da crítica, da criação e do diálogo por meio de diferentes gêneros que devem ser explorados ao longo dos anos”. (BRASIL, 2018, p. 157).

As habilidades de leitura como um todo precisam ser feitas a partir de textos pertencentes a diversos gêneros textuais e que circulam nos diversos campos da atividade humana, considerando também entre outras coisas a diversidade cultural e abranger produções diversas de forma a garantir a ampliação de repertório do aluno.

Portanto, ao se compreender a importância do ensino da leitura e da escrita para formação do sujeito, cabe a nós professores buscarmos estratégias eficazes para que esse ensino desenvolva neles esse olhar crítico em relação ao lugar que ocupam na sociedade.

6. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Uma prática comum nas escolas quanto às aulas de leitura e escrita é o professor fazer uma atividade em que após a leitura os alunos devam responder um questionário sobre o texto lido, situação em que lembra muito a uma prova, o que serve para medir aprendizagem, não havendo preocupação em como foi o processo para que o aluno chegasse àquelas respostas. No livro Estratégias de Leitura, de Isabel de Solé (1998), a autora questiona esse tipo de prática e traz várias informações e estudos sobre o processo de leitura.

Para a autora, o professor ajuda a formar leitores competentes ao apresentar, discutir e exercitar as principais ações para a interpretação, além de que o trabalho com a leitura deve ser estendido ao longo de toda a escolaridade. Ela também não acredita em métodos únicos que levem a aprendizagem da leitura e da escrita, ao invés disso defende o método interativo onde utilizar-se de dois processos, da aprendizagem da decodificação juntamente com os objetivos, idéias e experiências prévias nas atividades de leitura que devem ocorrer em três momentos, o antes, durante e o depois.

Para dar início a uma atividade de leitura é preciso antes de tudo ter um objetivo ou intenção, que tem que ser real e útil, ou seja, por que vou ler esse texto? Temos também as

previsões ou hipóteses que fazemos antes da leitura quando temos contato com a capa do livro, por exemplo, com o gênero do texto e as ilustrações que venham a ter, também nos dão alguns indicativos do que iremos encontrar naquela leitura.

> Quando levantamos hipóteses e vamos lendo, vamos compreendendo e, se não compreendemos, nos damos conta e podemos empreender as ações necessárias para resolver a situação. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. (SOLÉ, 1998, p. 39).

Nesse sentido os alunos percebem que o importante não é a exatidão, mas o ajuste e a coerência, "a partir das previsões e sua verificação nos permitirá orientar nossa leitura de uma maneira cada vez mais precisa e crítica, tornando-a cada vez mais eficaz". SOLÉ, 1998, p. 44. A aplicação das estratégias de compreensão, ativação de conhecimentos prévios relevantes, estabelecer objetivos de leitura, tirar dúvidas, fazer inferências, auto questionamento etc, substitui as perguntas e respostas, que são estratégias de avaliação., desta forma, o professor busca motivar seus alunos para que tenham uma aula de leitura que os auxiliem a aguçar seu senso crítico.

O ensino da leitura tem foco maior no Ensino Fundamental, mas a partir do Ensino Médio a leitura é o meio mais importante para novas aprendizagens e essa leitura deve ser mais independente por parte do aluno, pois se espera dele uma progressiva familiaridade com a literatura e que adquiram o hábito da leitura, utilizando-a para ter acesso a novos conteúdos nas diversas áreas do currículo escolar. Sendo assim, é muito importante quando nas aulas de leitura percebemos o que os alunos não conseguiram compreender do texto para que saibamos apresentar as estratégias mais apropriadas para que a compreensão dos alunos flua melhor.

7. METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma revisão bibliográfica. Ela, conforme GIL (2002) é a pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos que servem de base para suas análises.

Para a confecção deste trabalho foi utilizado, além Base Nacional Comum Curricular (BNCC), livros, artigos e teses da literatura nacional pesquisados nas plataformas do Google Acadêmico, Scielo. A elaboração deste texto contou então com o embasamento teórico de sete autores (Antunes, 2003, 2017, Bamberger, 2002, Freire, 1989, Kleiman, 2005, Geraldi, 2011, Oliveira, 2010 e Solé, 1998) autores que enfatizam a formação leitora.

A análise das informações foi realizada por meio da leitura exploratória do material encontrado em uma abordagem qualitativa.

8. ANÁLISE DE RESULTADOS

De acordo com o levantamento feito através dos autores pesquisados, torna-se quase um consenso que ler é atribuir sentidos; ser um leitor crítico é ser mais que um leitor passivo, é acionar a imaginação, buscar idéias, transformando o que lê, de forma a concordar ou discordar e assumindo um posicionamento no processo da compreensão.

Dessa maneira, SOLÉ (1998) aponta a importância do professor nesse processo de aprendizagem como também o estímulo contínuo para o contato entre este indivíduo e os livros.

> Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos e conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha a seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos. (SOLÉ, 1998 p. 88).

O processo pelo qual o aluno vai passar para se tornar um leitor o acompanha grande parte de sua vida escolar e o papel da família é muito importante antes da escola e durante o período escolar, já que este apoio familiar pode ser determinante no favorecimento da aprendizagem literária e lingüística junto à escola aonde as práticas de leitura vão sendo cada vez mais ampliadas e nesse contato maior com o texto ele possa extrair mais informações para melhor interpretar os textos.

Irandé Antunes reflete sobre as práticas da aula de Português, dizendo que em nossas escolas tem havido sinais de mudanças com relação ao ensino da língua, abandonando o ensino reducionista do estudo da palavra e de frases descontextualizadas a favor de uma escola mais formadora e eficiente. ANTUNES, 2003, p. 21

Temos então as orientações que trazem a BNCC e os PCN onde o ensino da língua é feito a partir de textos pertencentes a diversos gêneros que circulam nas diversas situações de comunicação na sociedade em aulas de leitura, escrita e análise lingüística como alternativa para o ensino da gramática. Ou seja, esse ensino abrange uma variedade de gênero com atividades que aumentam de complexidade de acordo com o avanço dos anos de ensino, mas só conhecer as características dos gêneros e produzir textos dentro destes limites não garante a aprendizagem do posicionamento leitor. Partimos então para as práticas de letramento em que através do auxílio do professor os alunos apropriam-se de práticas de leitura e escrita e passam a entender a linguagem como prática social.

Nesse caminho que leva à formação de leitores competentes, os estudos de Isabel Solé apresentam caminhos que levam ao ensino de estratégias que ajudarão a formar leitores capazes de ter uma visão crítica em relação ao texto que lêem. Estratégias que começam desde o objetivo da leitura, observação das características do gênero a que pertence o texto, as previsões e inferências tudo direcionado pelo professor em uma conversa prévia, onde o aluno tem vez e voz, podendo assim acionar seu conhecimento prévio, opinar e discutir na construção do conhecimento.

> Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998, p. 98).

A partir dessas estratégias ou procedimentos surge uma aula dinâmica, afastando-se do ler e responder questionários de interpretação, que pouco acrescenta aos alunos. Ela nos diz ainda que não existe uma fórmula mágica a ser seguida para a formação de leitores; existem sim, vários caminhos que levarão os alunos a aprender, independente de como eles formam seus esquemas e suas necessidades que irão surgir durante o aprendizado. A autora defende que na aprendizagem leitora o aluno percorre dois caminhos simultâneos, são eles: manejar com destreza os caminhos da decodificação e aportar ao texto os objetivos, idéias e experiências prévias.

Os professores por sua vez utilizam estratégias, dinâmicas e práticas criativas que compartilhadas com seus alunos os levam a aprender a realizar as atividades de leitura mesmo quando eles não estão próximos, tornando-os autônomos no processo de aprendizagem. Quando o professor vai compartilhar os conhecimentos para a formação leitora com os alunos, ele deve mostrar-lhes os propósitos da leitura, ativar conhecimentos prévios relevantes

para a compreensão do texto, avaliando se faz sentido e se tem coerência, se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação do texto, fazer e provar as inferências, como interpretações, previsões, hipóteses e conclusões.

Quando no processo de leitura o aluno se depara com palavras que ele não sabe o significado, deve circular a palavra e, se após a leitura não conseguir compreender o sentido, aí sim deve recorrer ao dicionário para uma melhor compreensão. “O leitor deve ser consciente do que entende e do que não entende para poder resolver o problema ao qual se depara”, SOLÉ, 1998, p. 97.

Formar leitores autônomos é um compromisso que o professor assume para dar oportunidade às pessoas a analisarem criticamente o teor ideológico dos textos que circulam na sociedade, buscando assim uma consciência crítica diante do que está escrito.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise do que dizem os autores citados neste trabalho, as atividades de leitura e escrita encontradas nas escolas apresentam certo distanciamento do que se espera para a formação de bons leitores, por oferecerem propostas muitas vezes voltadas para a aprendizagem gramatical ou sem se levar em consideração a participação ativa do aluno. Mas esta situação tem mudado gradativamente com o ensino baseado no texto e na interação comunicativa orientada pela BNCC e PCN.

Com essas aulas o ensino da leitura e da escrita passa a ter uma funcionalidade real de fala, estimulando a linguagem oral e escrita e também a capacidade criativa do aluno.

Dentro dessa formação leitora também destacamos a importância da família, que pode estimular desde cedo seus filhos através do contato com os livros e a contação de histórias, fazendo com que as crianças desenvolvam a concentração, o raciocínio e a compreensão.

As estratégias desenvolvidas em sala de aula pelos professores passam a ser um ponto fundamental para se formar bons leitores, capazes de compreender o que sugere o texto, e refutando-o quando preciso. Essas ações fazem parte da formação crítica do aluno.

A conclusão a que se chega após este estudo é a de que, apesar das dificuldades enfrentadas em sala de aula no ensino da escrita e da leitura, é possível formar alunos leitores capazes de compreender e se expressar de forma crítica, bastando para isso, entre outras ações, o apoio de estratégias de ensino e procedimentos de leitura, além de aulas dinâmicas e criativas norteadas pelo que orientam os documentos nacionais que regem a educação básica.

Referências:

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editora, 2003.

ANTUNES, I. **O texto como objeto de estudo da língua.** In: textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola Editora, 2017, p.31- 41.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Versão final. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao final_site.pdf. Acesso em: 21 abril. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 06 abril 2023.

GERALDI, João Wanderley organizador. **O texto na sala de aula.** 1ª ed – São Paulo: Ática, 2011. Disponível em:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5388957/mod_resource/content/1/GERALDI%2C%20Jo%C3%A3o%20Wanderley.%20et%20al.%20%28orgs.%29.%20O%20texto%20na%20sala%20de%20aula.%203.%20ed.%20S%C3%A3o%20Paulo%20%C3%81tica%2C%201999.%20.pdf Acesso em: 20 Outubro 2023.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**Cefiel/IEL/ Unicamp,2005-2010 Disponível em: https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf . Acesso em: 21 abril. 2022.

OLIVEIRA, Ana Arlinda**. "O professor como mediador das leituras literárias."** *Coleção Explorando o Ensino* (2010): 41.

SOLÉ, Isabel. **"Estratégias de leitura".** [recurso eletrônico]/ Isabel Solé; Claudia Schilling; revisão técina: Maria das Graças Souzza Horn. – 6. Ed. - Porto Alegre: Penso, 2014.